

ARTES PLÁSTICAS

José Roberto Teixeira Leite

Um Cândido Pintor Portinari

SOB ESSE título, lançou há dias a Editora Expressão e Cultura álbum em que o fotógrafo Flávio Damm procurou documentar fotograficamente a vida e a atividade de Cândido Portinari nos dois últimos anos de sua vida. O próprio Damm explica, no curto texto introdutório: "Este é um documentário fotográfico — sem preocupação biográfica — feito durante os dois últimos anos de vida do maior pintor brasileiro. Figura discutida, criticada, amado pelos seus amigos, invejado por uns, disputado por outros, Portinari jamais permitiu que o cinema ou a televisão entrassem em sua intimidade. Poucas vezes recebeu fotografos e repórteres. Era operário do pincel, envolvido com suas cores, seu mundo único, fazendo dezenas de esboços no papel antes de levar para a tela as formas de suas figuras. O autor, deste livro, ligado a Portinari pelo amigo comum, o pintor Enrico Bianco, pôde documentar, dia após dia, o trabalho do artesão, assistindo, na qualidade de repórter, às reações do homem, os gestos do gênio, as virtudes e as falhas da figura humana que fazia "seu" Candinho o tipo controverso, alegre e triste, aberto para uns e fechado para outros, terno e áspero, um místico sem crença. Dos dois anos de convivência diária resultou uma coletânea

de fotos até agora inéditas, a única existente sobre ele e que só agora é impressa, por ocasião do décimo aniversário de sua morte".

Louve-se a intenção do autor em recordar Portinari, ao ensejo do décimo aniversário de sua morte. Fora isso, porém, há pouco o que elogiar nesse livro, sendo lícito afirmar que, para ser fruto de "dois anos de convivência diária", deveria obrigatoriamente ser muito mais do que é. Não transpira em verdade das fotos a figura humana de Cândido Portinari nos detalhes que decerto desejou fixar Flávio Damm — "as reações do homem, os gestos do gênio, as virtudes e as falhas"; muito ao contrário, as fotos são banais, pequeno documentário pouco inspirado sobre um grande artista. Juntam-se à pouca qualidade das fotografias a incorreção e a candidez das legendas ("Portinari produziu dezenas de milhares de esboços"; "Três camas não foram o bastante para conter os presentes que Denise recebeu no dia de seu primeiro aniversário. A felicidade de Portinari era total"), e a impressão quase sempre deficiente dos clichês, e teremos um resultado francamente negativo para esse Um Cándido Pintor Portinari, que não chega a explicar bem ao que veio (Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, dezembro de 1971).

Sucesso de leilão em Petrópolis

VERDADEIRO SUCESSO, o Primeiro Leilão do Sesquicentenário que Ernani realizou, em início do mês, em Petrópolis. Nos salões do Quitandinha, repletos, foram postos à venda 487 lotes, entre pinturas, esculturas, móveis, porcelanas, tapetes e pratarias, com o total arrecadado de cerca de Cr\$ 800 000. Alguns preços para a informação de nossos leitores:

François-René Moreaux (1897-1860). Duplo retrato de Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina. Óleo sobre tela, 127x91x91, assinado ..... 40 000

Travessa de porcelana Cia. das Índias "Serviço Vista Grande" de Dom João VI ..... 11 000

Antônio Parreiras (1860-1937). Paisagem. Óleo sobre tela, 70x140, assinado e datado 1891 ... 19 000

A. A. Santos (Ativo séc. XIX). A Revolta da Armada. Óleo sobre tela, 70x140, assinado e datado 20-11-1893 ..... 37 500

Travessa de porcelana Cia. das Índias "Serviço dos Correios" de Dom João VI ..... 29 100

Ernest Papf (1833-1910). Retrato da Princesa Isabel, tendo ao colo o Príncipe de Grão-Pará. Óleo sobre tela, assinado ..... 16 000

Tigela de porcelana Cia. das Índias "Serviço das Corças" de Dom João VI ..... 12 000

O leilão de Petrópolis caracterizou-se por uma importante coleção de porcelanas imperiais, bem como por um lote de mais de 100 peças de prataria inglesa, sem falar nos numerosos tapetes persas, chineses e centro-asiáticos, no mobiliário brasileiro e europeu e na pintura, tanto antiga como contemporânea, brasileira e estrangeira. Quanto ao Segundo Leilão do Sesquicentenário, terá lugar no Rio de Janeiro, provavelmente em abril, no Hotel Glória (que também está comemorando em 1972 seu cinquentenário de existência).

Chico da Silva expõe no Rio



A GALERIA Chica da Silva (Avenida Copacabana, 1146) está apresentando há dias, aproveitando a época de férias — quando os turistas são em maior número —, uma exposição dos guaches de Francisco Domingos da Silva, o pintor "ingênuo" semi-índio que nasceu no Acre, radicou-se no Ceará e foi revelado pelo suíço Chablotz, tendo merecido até artigo laudatório em revista francesa. Chico da

Silva, numa técnica rudimentar, pinta animais fantásticos em cores vivas, por vezes estáticos e isolados, mais comumente aos pares e em ação, e se constitui, como notou Clarival Valadares, "o intérprete de uma mitologia diluída na tradição oral de uma região iludida, que somente ele fixou e refletiu". A fotografia mostra uma obra em exposição, datada de 1971.